

TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo*. Boston: Rowman & Littlefield, 1998.

José Eustáquio Romão*

*Professor do Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE e diretor do Instituto Paulo Freire.

Mais uma vez Carlos Torres prova que é um autêntico pensador freiriano na medida em que permanece identificado com o universo da Sociologia dialética e da Pedagogia crítica, com este seu livro que denominou *Democracia, educação e multiculturalismo*. Além disso, Torres continua desafiando as grandes questões do nosso tempo, ousando assumir posições, sem medo de se expor a qualquer rotulação por quem quer que seja.

José Tamarit², um freiriano e nosso amigo comum, que, como Carlos, nasceu na Argentina, tem analisado, nos últimos anos, especialmente depois da queda do muro de Berlim, os intelectuais que descobriram seu próprio positivismo, seu próprio cientificismo e sua própria vocação para esconderem dissimuladamente para a direita. Segundo ele, é mais fácil tornar-se um cientista envolvido com métodos técnicos – que lê apenas livros das ‘ciências duras’³, e que, ultimamente, se tem censurado quanto a certos corpos do conhecimento, mas não se arrisca a criticar determinadas crenças acadêmicas – do

que enfrentar questões ou problemas, geralmente criados pelas classes dominantes e que infernizam a maior parte da espécie humana na Terra hoje.

É fácil perceber a dificuldade de ser um pensador dialético num mundo onde o pensamento hegemônico diz que não há mais ideologias, não há mais classes nem história; esta dificuldade é maior ainda num país como os Estados Unidos (Carlos vive em Los Angeles) – onde a esquerda não é bem-vinda, e onde existe uma prestigiosa comunidade de *scholars*, como a de Harvard, que, ultimamente, com algumas raras exceções, tem sido dominada pela Pedagogia conservadora.

Apesar de ser um *scholar*, Carlos Torres não cai na tentação típica desses colegas intelectuais cujo ‘cientificismo’ muitas vezes esconde a sua ideologia por trás de um apelo à chamada objetividade científica e absoluta. Carlos nunca esqueceu a dimensão da subjetividade que está contida em todas as formas de objetividade. Em razão disto, ele pertence à tradição freiriana mais radical,

²Ele publicou um livro que traduzi para o português, cujo título é *Educar o soberano*, inspirado na “feliz, indubitavelmente contraditória, frase do primeiro reformador da escola latino-americana Domingo Faustino Sarmiento” (TORRES, 1998: 104).

³Eu não gosto do adjetivo ‘duro’ em nenhuma das suas acepções. No Brasil, há alguns professores falando também sobre ‘ciência dura’ e, além disso, chamando de ‘núcleos duros’ os grupos de docentes que conduzem programas de pós-graduação. Eu penso que seria melhor chamá-los de ‘ciências macias’ e ‘núcleos moles, em oposição a sua pretensão de serem os detentores absolutos do conhecimento disponível, ou o grupo mais importante de professores de um programa universitário (no sentido que a comunidade de intelectuais brasileiros confere à expressão).

como Paulo eloqüentemente alertava:

Em tempo algum pude ser um observador “acizentadamente” imparcial, o que porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele. (FREIRE, 2000: 15)

Por certo, ser eticamente comprometido é mais importante do que ser absolutamente certo.

Carlos continua acreditando e cientificamente provando, segundo a bela tradição latino-americana, que os fatos são afirmações sobre o mundo e sobre a realidade, e não aspectos do mundo e da realidade em si mesmos. O que alguém diz sobre o mundo não é necessariamente a verdade, apesar de sua eventual competência e inteligência, porque a ‘realidade’ é algo que as pessoas constroem a partir do jogo dos seus pensamentos e de pontos de vista específicos, como dizia Paulo Freire. É esta convicção que determina a posição axial das teorias sobre o Estado, dos processos históricos e das ideologias neste texto de Carlos.

Nos últimos anos, a historicidade

tem se tornado uma mera nota de rodapé nas análises e teses dos intelectuais neoliberais – de fato pensadores neopositivistas – no intuito de esconderem os interesses reais que estão escamoteados na celebração cega da ciência absoluta.

Carlos Torres demonstra, de modo convincente, que na leitura crítica do mundo – como freqüentemente assinalava Paulo Freire – algumas idéias dialéticas fundamentais devem ser resgatadas desse universo da pseudo-neutralidade: é necessário reconhecer que a ciência e, especialmente, o ensino demandam o reconhecimento da presença da ideologia; deve-se também reconhecer que o ‘fazer ciência’ é igualmente condicionado; por fim, mas não menos importante, que a razão e a sensibilidade devem estar juntas, porque nós precisamos da última para ler e ‘pronunciar’ o mundo, e dos instrumentos da primeira para ler a palavra.

Quando estivemos no II Congresso Internacional de Paulo Freire, em Bolonha (Itália), Carlos disse: “Nós, membros do Instituto Paulo Freire, devemos estar atentos para a interação entre teoria e prática, se quisermos desenvolver o legado do nosso mestre, pois, por outro lado, corremos o risco de cair no verbalismo ou no ativismo”. Lembro-me muito bem desta fala... e então, pensei comigo mesmo: “Ele está

absolutamente certo. O perigo não está somente em cair numa prática que se pode transformar em ativismo e numa teoria que pode virar verbalismo, mas está em perder a reflexão crítica, com o primeiro equivoco, e perder a ação, com o segundo”, como freqüentemente nos advertia Paulo Freire quando ainda vivo.

Nesta era de submissão e subordinação da Humanidade às leis do mercado e de subsunção ao imperativo da ciência pseudoneutra, o livro de Carlos Torres é um ‘respiradouro ideológico’ e uma esperança na qual outros intelectuais, com o seu exemplo, descobrirão que podem continuar sendo *scholars*, sem perderem seus compromissos políticos. Aliás, é impossível ‘aspirar’ a poeira de suas opções políticas, ou de sua ideologia, de seus sonhos científicos.

Como Carlos Torres explicita no começo do livro (p. 5), ele discute as teorias do Estado no cenário da globalização – ou do modo de produção capitalista tardio e das sociedades burguesas – desenvolvendo a sua natureza e a natureza das políticas públicas, para compreender a natureza política da educação e as suas conexões com a cidadania, a democracia e o multiculturalismo. Mas ele atualiza o tema com uma abordagem interessante das afirmações extraídas das obras primas

de Marx, Weber, Freire, Habermas, Gramsci e Poulantzas, enfatizando as contradições que Claus Offe percebeu entre acumulação e legitimação. Ele também ‘circulou’ pelas análises sobre o Estado de Bem-Estar, sua incrível legitimação entre os pensadores burgueses em passado recente, e o crescimento da insatisfação, particularmente em relação a sua performance fiscal (p. 37). Finalmente, Torres demonstra como o predomínio das teorias neoliberais e neoconservadoras aniquilou o pensamento liberal no mundo capitalista, com profundas implicações nas políticas sociais e educacionais.

Aqui, como um modesto historiador, gostaria de sugerir ao meu irmão de luta por um mundo menos feio que seria desejável não misturarmos categorias políticas com categorias econômicas. Nesse sentido, penso que não deveríamos dizer modo de produção burguês, nem sociedades capitalistas, mas modo de produção capitalista e Estado burguês ou sociedades burguesas. Como se sabe, de uma perspectiva materialista dialética, o Estado nunca é uma aliança, mas um pacto de dominação. Assim, é um pacto de dominação de classe que reproduz, no nível da superestrutura, a dominação real que ocorre, de fato, no campo das relações econômicas.

Com um levantamento exaustivo e

crítico das análises dos grandes pensadores políticos, Carlos é bem sucedido na condução dos leitores pelo verdadeiro labirinto das complexas ligações entre categorias políticas e educacionais de quase todos os pensadores clássicos e dos filósofos contemporâneos. Discute também as questões relativas às teorias de cidadania, democracia e multiculturalismo “de uma perspectiva política filosófica”. (p. 6)

Contudo, sua melhor contribuição é a teoria da cidadania multicultural. Com a sua aquiescência, eu gostaria de acrescentar mais um adjetivo à expressão. Com esta adição, eu penso, a

expressão seria perfeita. O qualificativo a ser acrescentado é ‘ativa’. Assim, teremos: ‘cidadania ativa multicultural’ – a dimensão completa que haveremos de criar entre todos os homens e mulheres, em todo o mundo, neste começo e por todo o século XXI.

O livro *Democracia, educação e multiculturalismo* foi publicado em inglês em 1998, e agora está editado em espanhol. A Editora Vozes, no Brasil, está terminando a sua tradução para o português. Penso, agora, que esta obra esteja no lugar em que deveria estar, a fim de que nenhum educador no mundo seja privado de sua leitura e do usufruto deste verdadeiro marco da Pedagogia Crítica Freiriana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogy of freedom. Ethics, democracy, and civic courage*. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, 1998.
- TORRES, Carlos Alberto. *Democracy, education, and multiculturalism*. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, 1998.